

XVII JORNADA ACADÊMICA DO MESTRADO E DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

DESAFIOS ÉTICO-POLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS PARA A EDUCAÇÃO



EDUCAÇÃO PARA A MORTE ATRAVÉS DE NARRATIVAS DE TERROR: UMA ANÁLISE DE *THE MIDNIGHT CLUB*

Camilo Darsie

Vitória Merten Fernandes

Rosane Machado Rollo

Universidade de Santa Cruz do Sul

Eixo Temático 3: Educação em espaços não-escolares, justiça socioambiental e movimentos sociais

INTRODUÇÃO

A educação para a morte é um processo que tem como objetivo preparar o indivíduo para lidar com a finitude, integrando-a como parte do ciclo vital de desenvolvimento humano, inspirando artistas ao longo dos anos (Kovács, 2005, 1992). Nesse sentido, a mídia surge como um potente espaço de pedagogia alternativa, como proposto por Ellsworth (2005), onde os indivíduos aprendem em contato com o mundo. A ficção torna-se um espaço seguro, nos aproximando de um acontecimento do qual temos nos afastado na modernidade (Ariès, 2012).

Hall (2016) nos diz que a representação é um ato criativo que não apenas reflete, mas constrói e modifica nossa relação com a morte e a finitude, em um processo de subjetivação. Segundo Gertz (1989), a cultura se caracteriza como um fenômeno público, pois é constituída a partir de significados que são compartilhados socialmente. É nessa partilha que criam-se sentidos e significados.

Na série *The Midnight Club* (2022), da Netflix, criada pelo diretor Mike Flanagan (conhecido por explorar temas de luto e morte em suas obras), acompanhamos um grupo de adolescentes que vivem em um residencial para jovens com doenças terminais. Juntos, eles formam o "Clube da Meia-Noite", encontrando-se todas as noites para contar histórias de terror uns aos outros. Através das narrativas fictícias, os adolescentes encontram maneiras de narrar as próprias histórias, expressar seus medos e lidar com a própria finitude.

Este trabalho propõe analisar como a mídia, aqui representada por uma minissérie da Netflix, pode operar como dispositivo pedagógico para a elaboração da finitude.

METODOLOGIA

Este estudo analisa e reflete sobre o segundo episódio da minissérie *The Midnight Club*, da Netflix, intitulado "As Duas Danas", apoiando-se em teorias sobre tanatologia, luto e a corrente pós-estruturalista. A escolha do episódio justifica-se por seu peso emocional e pela conexão com a

subjetividade da narradora.

A análise considerou não apenas o conteúdo da narrativa ficcional contada pela personagem durante o encontro do clube, mas também elementos contextuais sobre Anya apresentados ao longo da série. Essa abordagem permitiu compreender as camadas de significação entre a história fictícia e a experiência vivida da narradora, buscando-se compreender como a narrativa ficcional opera simultaneamente como espelho e elaboração da experiência subjetiva diante da finitude, tanto para os personagens quanto para o público.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

A metáfora das duas Danas e a construção de subjetividade

No episódio analisado, a personagem Anya narra a vida de Dana, uma adolescente que, insatisfeita consigo mesma, faz um pacto sobrenatural para se dividir em duas versões: uma "boa" e obediente, e outra "má" e indisciplinada. A divisão parece resolver seus dilemas, mas logo se torna insustentável.

A história funciona como metáfora das contradições da própria Anya: seus medos, arrependimentos e a luta entre a parte dela que deseja viver plenamente e a parte que se sente consumida pela doença. Ao contar a história, Anya revela, indiretamente, aspectos de sua identidade e de como lida com sua finitude. Em vários momentos da série, ela se percebe como alguém que viveu intensamente e fez escolhas arriscadas, mas agora entende o adoecimento como punição, em uma expressão biopolítica, há uma regulação da vida e controle dos corpos por meio de normas sobre o que é considerado saudável e aceitável (Foucault, 2012).

Nesse sentido, a história narrada por Anya ecoa a sua própria: as duas Danas representam os diferentes caminhos, tanto o escolhido como o deixado para trás. Através da ficção, Anya consegue encarar seu adoecimento e culpa, que surge da própria história. Aqui, Anya explicita a tensão entre controle da vida e aceitação da finitude, o que convoca reflexões éticas sobre escolhas e limites, reforçando a importância da educação para a morte.

Conforme a narrativa avança, as duas Danas não conseguem mais coexistir: uma ameaça a outra. É como se Anya percebesse que não pode separar suas dores de sua identidade e que a doença faz parte dela. O enfrentamento da morte não é algo que se possa ignorar totalmente, mas um processo que atravessa toda a experiência de si e, é somente ao encarar a própria finitude, que Anya pode transformar sua relação com a própria história de vida.

Com a morte da personagem que criou, Anya pode começar a reconhecer que tentar negar partes de si ou da própria finitude pode ser devastador, reforçando a importância de narrativas sobre a morte e a aceitação da finitude humana.

As narrativas como dispositivo de elaboração

A perpetuação das culturas e a tradução da emocionalidade das experiências se dá através da linguagem humana (Dias, 2011), por exemplo, através das narrativas. Através da narrativa criada,

Anya revela sua subjetividade e dá sentido à sua experiência diante da morte. A mediação pela ficção, permite que a personagem elabore aspectos de sua existência que seriam difíceis de abordar diretamente. A impossibilidade de conciliar plenamente as duas versões de si encontra seu desfecho na morte da protagonista da história inventada, servindo como ensaio para a própria condição da narradora.

Narrar-se, nesse sentido, é uma forma de existir diante da finitude, entrelaçando vida e ficção. O ato narrativo torna-se um espaço de experimentação, onde a personagem pode testar diferentes compreensões sobre si mesma e sobre sua trajetória, oferece uma distância segura que permite que a personagem se aproxime de aspectos dolorosos ou contraditórios acerca da sua finitude.

Nesse movimento, a narrativa se converte em espaço pedagógico, permitindo elaborar sentidos sobre viver e morrer, através da experiência, como proposto com Ellsworth (2005). O clube noturno funciona como um espaço onde os jovens podem, através das histórias, processar angústias e esperanças sem exposição direta. A elaboração coletiva dessas narrativas cria uma comunidade de sentido compartilhado, onde cada história ressoa nas experiências dos demais membros do grupo.

Pedagogia alternativa: da ficção ao público

Em *The Midnight Club*, temos a educação para a morte operando em dois níveis: no interior da narrativa e na relação que estabelece com o público. Como propõe Ellsworth (2005), a educação não é algo pronto e dado que se transmite, mas algo em constante construção em nossa experiência com o mundo. A experiência de aprendizado é, também, uma forma de subjetivação. Nesse sentido, os encontros do clube tornam-se espaços pedagógicos vivos, onde aprender e existir se entrelaçam.

Assim, os personagens transformam suas histórias em narrativas ficcionais através das quais deparam-se com a própria finitude, inventando novos desfechos ou criando maneiras de lidar com a morte. O grupo processa coletivamente a finitude através das histórias, em um espaço não-escolar de educação mútua. Cada narrativa torna-se material de reflexão compartilhada, permitindo que todos os membros do clube elaborem suas próprias questões a partir das histórias alheias. O aspecto coletivo desse processo é fundamental: não se trata apenas de uma elaboração individual mediada pela narrativa, mas de uma construção conjunta de sentidos sobre a morte e a finitude, nos lembrando Geertz (1989) que afirma que a cultura é um espaço compartilhado. Esse processo dialógico cria uma teia de significações compartilhadas que sustenta emocionalmente o grupo.

Em contrapartida, nós, público, aprendemos observando esse processo. A série nos ensina sobre educação para a morte através do exemplo dos personagens. Aprendemos sobre morte e finitude enquanto assistimos um processo pedagógico alternativo de educação para a morte, tanto em seu conteúdo quanto em seu método. A série opera, assim, como uma pedagogia alternativa de educação para a morte.

Isso evidencia que a educação acontece na interação e na partilha de significados, não apenas

na narrativa individual. A série demonstra que a elaboração da finitude é necessariamente uma construção social e cultural.. O público tem acesso não apenas às histórias ficcionais contadas pelos personagens, mas ao processo de como essas histórias funcionam como dispositivos de elaboração subjetiva e coletiva. Levando em consideração que a morte sempre existiu (e existirá) em nossas vidas, mas nem sempre temos uma representação nítida dela (Kastenbaum, Aisenberg, 1986), torna-se visível a importância de espaços, como a ficção, que permitam representar e elaborar a finitude.

CONCLUSÕES

A análise de "As Duas Danas" em *The Midnight Club* revela a potência pedagógica das narrativas ficcionais como dispositivos de elaboração da finitude. A história narrada por Anya demonstra como a ficção permite o enfrentamento das possíveis dificuldades associadas.

O episódio evidencia que a educação para a morte não se restringe a espaços formais ou a abordagens didáticas tradicionais. Ao contrário, a mídia e a arte operam como pedagogias alternativas que ensinam sobre a finitude de maneira sensível e complexa. As narrativas, mediadas pela ficção, tornam-se espaços de subjetivação onde os indivíduos podem experimentar diferentes formas de compreender e integrar a morte à vida, em uma construção coletiva. A morte, tema historicamente afastado e silenciado na modernidade ocidental, encontra nas narrativas ficcionais um espaço de reaproximação e ressignificação, apontando para a importância de reconhecer e valorizar os diversos espaços onde a educação para a morte acontece, para além dos contextos formais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação para a morte; mídia; pedagogia alternativa; finitude.

REFERÊNCIAS

Ariès, P. (2012). **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Dias, E. T. D. M. (2011). **Adolescência e morte: representações e significados**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 15, Número 2.

Ellsworth, E. (2005). **Places of learning: Media, architecture, pedagogy**. New York: Routledge.

Foucault, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**; tradução de Maria Thereza da Costa e J. A. Guilhon Albuquerque. 22. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.

Geertz, C. (1989). **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC.

Hall, S. (2016). **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Apicuri.

Kastenbaum, R., & Aisenberg, R. (1986). **Psicologia da morte**. (A. P. Lessa, Trad.). São Paulo: Pioneira.

Kovács, M. J. (1992). **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Kovács, M. J. (2005). **Educação para a morte**. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 25(3), 484-497.

The Midnight Club. (2022). [Série de televisão]. Criada por Mike Flanagan. Netflix.